

NOTAS E RECENSÕES

O DESENHADOR JOSÉ MOURÃO (1911-1980)

Um Centro de Estudos vive principalmente da personalidade do seu animador: horizonte de pesquisa muito vasto, curiosidade intelectual sem entraves, exemplo de devoção ao trabalho. Lucra em possuir alguns «brilhantes» segundos, com quem possa repartir a execução e direcção de tarefas de pesquisa; abaixo vem o grupo mais numeroso dos trabalhadores do espírito, uns que alcançaram a maturidade, outros que dão apenas os primeiros passos na investigação e as simples promessas de recrutamento, vocações aparentes que nem sempre correspondem ao que delas se esperou e que é preciso ter de eliminar nos primeiros fracassos, sendo duro e implacável neste afastamento — tanto mais doloroso que às vezes se haviam estabelecido já laços de simpatia humana.

Mas um Centro não é apenas uma reunião de «sábios» ou cientistas, desde os mais prestigiosos até aos aprendizes, desde os talentosos aos que apenas possuem vontade de cumprir. Há uma infra-estrutura, tanto mais complexa e ampla quanto maior for a dimensão de apoio técnico e administrativo. Num Centro de Estudos Geográficos são essenciais desenhadores, conservadores de livros, mapas, fotografias, etc., alguns que têm de possuir cultura geográfica.

Ouso afirmar que os desenhadores são os mais importantes neste conjunto. Por aí, comigo e com José Mourão, começou o Centro de Estudos Geográficos no ano remoto de 1943; a aquisição deste trabalhador precedeu mesmo a dos primeiros colaboradores científicos (Mariano Feio e Norberto Cardigos) assim como a de A. Machado Guerreiro, actual e prestimoso secretário, primeiro como amanuense e depois a pouco e pouco como pau para toda a obra, pois tanto copiava um texto emaranhado, sugerindo correcções ou acarações sempre pertinentes, como arranjava qualquer mecanismo que se avariasse — como ainda hoje, licenciado em Filologia Românica, autor de estudos etnográficos, continua a ser o mais dedicado e assíduo dos nossos colaboradores.

Conheci José Mourão como desenhador dos Serviços Geológicos de Portugal e aí executou para mim desenhos em artigos que publiquei (como colaborador benévolo, podendo usufruir de deslocações, subsídios de campo e de marcha) nas *Comunicações*, com tanto esmero que o seu traço não se diferenciava do impresso. Apreciei ainda o homem bem disposto, com uma ponta de humor e de excelente convívio. Como os Serviços fechavam

às 5 horas, propus-lhe trabalhar para mim daí até às 8. Aceitou com entusiasmo este suplemento de ganhos (desenhadores a tempo completo só muitos decénios depois foi possível conseguir) e assim começou, em Março de 1944, a nossa colaboração. Alguns geólogos, que ficavam até mais tarde, como o vissem no estirador habitual para além das horas de serviço, não hesitavam em lhe dar trabalhos mais urgentes. Era necessário pôr termo a este «abuso» e por isso adquiri um estirador, primeiro móvel do Centro de Estudos Geográficos, pois até aí só havia, num gabinete (aliás único), uma mesa e duas cadeiras de empréstimo — uma para mim, outra para quem tivesse de receber. E nestas bases, mais do que modestas, mesquinhas, se começou a construir e ampliar o Centro de Estudos Geográficos e se iniciou com Mourão o convívio e a colaboração a que só a morte pôs termo.

Mourão era não só um desenhador em extremo perito na sua arte, mas aplicado, consciencioso, executando a tarefa morosa de dar expressão gráfica ao trabalho de geólogos, únicos que recolhem os louros. Sempre me admirou o escrúpulo, o entusiasmo com que estes humildes mas indispensáveis colaboradores da Ciência Geológica (e neles incluo os «colectores» que fazem levantamentos expeditos e têm a inestimável vantagem de localizar dificuldades que já lhes não compete resolver) executam trabalhos obscuros, não os animando menor afã do que o pessoal científico, este que se rege em parte por normas da reputação que dá a execução do trabalho e a «satisfação» da obra que os qualifica cientificamente, embora nos mapas se mencionem, além deles os colaboradores responsáveis, colectores e desenhadores (excelente norma de justiça dando o seu a seu dono).

Como desenhador dos Serviços Geológicos, Mourão desenhou e coloriu o maior número de mapas, tanto gerais como de pormenor (1:50.000) e passou muitas horas no Instituto Geográfico e Cadastral, onde a excelente qualidade da cartografia se deve ao emprego ainda de métodos artesanais, acertando e conjugando cores. Só quem alguma vez tenha executado este trabalho sabe quanto ele é moroso, paciente e exige o bom entendimento dos técnicos «da casa» e dos clientes, de exigências geralmente superiores às possibilidades e, como sempre acontece a quem tem, ou julga ter, trabalho pronto, apressados e impacientes...

Como nesse tempo havia pouco que fazer, propus a Mourão um trabalho minucioso, demorado e difícil. A folha n.º 13 do mapa a 1:100.000 (Coimbra) e talvez a de maior interesse para o relevo de Portugal: contacto do maciço antigo com a orla sedimentar, um importante relevo residual de dureza (a Serra do Buçaco), surreição provável de todo o rebordo do maciço e fundas gargantas que os entalham, extremo ocidental da Cordilheira Central (Serra da Lousã) e seus profundos alvéolos de sopé, evidentemente tectónicos e de evolução muita complexa. Tanto que nela trabalhei eu próprio, PERRE BIROT, GALOPIM DE CARVALHO e SUZANNE DAVEAU que está redigindo, em colaboração com os demais, a memória definitiva. Basta lembrar que as primeiras prospecções (de BIROT e O. RIBEIRO) ascendem a 1937... Ora sucedia, já há cinquenta anos que nas folhas extraídas de uma matriz litográfica muito gasta por sucessivas tiragens, para mais com a

necessária sobrecarga de povoações, estradas e caminhos carroçáveis, nada ou pouco se podia ver do relevo.

Da minha colecção particular, herdada de um parente que fora oficial do Estado Maior, extraí a folha n.º 13 e dei ao pobre José Mourão o encargo, que a um e a outro parecia infundável, de copiar curvas de nível e linhas de água (infelizmente muitas vezes simples *talwegs* secos). Como as horas (das 5 às 8) não chegavam, Mourão começou a levá-la para casa, para trabalhar na folga de sábado e domingo nesta árdua e demorada tarefa. Este serviço era pago à hora e estou certo de que Mourão nunca meteu um minuto a mais.

Verifiquei com o maior escrúpulo o trabalho realizado. Se uma que outra vez (muito raramente) uma curva se metia noutra, é porque estava assim enganado no original — e não havia forma de o corrigir; o mesmo, também muito raro, de uma curva interrompida e aberta. A tiragem, mais exactamente se diria extracção, *oro-hidrográfica*, ficava extremamente expressiva se fosse reduzida para metade. Foi nessa ideia, utilizando também os serviços de outro desenhador, Humberto Avelar, que se preparou o mapa a 1:200.000. As primeiras folhas foram impressas enquanto MARIANO FEIO preparava a tese de doutoramento, *A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve* (1953), e, com base nos símbolos imaginados por DE MARTONNE, pôde acompanhá-la de um mapa geomorfológico a 1:500.000. Verdadeira *performance*, pois o mapa geológico na mesma escala datava do fim do século passado, não existia a cobertura completa a 1:25.000 (faltava em todo o sul da área estudada) e nem um único mapa geológico da cobertura a 1:50.000! Só agora Denise de Brum Ferreira pôde executar, com grande rigor, e ao mesmo tempo minúcia e visão de conjunto, um mapa geomorfológico do país a 1:500.000 utilizando todo o 1:25.000, os mapas geológicos a 1:50.000, as respectivas minutas ainda não publicadas, a cobertura aérea a 1:26.000 e a profunda experiência que alguns geomorfólogos tinham da sua área de estudo.

Por 1947 imaginei a preparação de uma série de mapas a essa escala, que, reduzidos a metade e com indispensável simplificação, constituiriam a base de um *Atlas de Portugal*, que propus à Fundação Gulbenkian com a condição de... não o dirigir. Também foi Mourão o principal artífice do mapa da distribuição da população em 1940 (único censo, com 1911 e, depois, 1960, que dá a distribuição por locais de habitação: em 1911 com 3 fogos ou mais, em 1940, com 5 ou mais). O trabalho foi preparado por um grupo de quatro colaboradores (nenhum já no Centro), debaixo das minhas vistas e apresentado por ocasião do Congresso Internacional de Geografia de Lisboa, em 1949, com breve notícia em francês da minha autoria. Já com a colaboração de Humberto Avelar, foi ainda José Mourão o primeiro e o principal artífice deste empreendimento.

Muito tempo passou até que Suzanne Daveau lhe desse seguimento com dois mapas, preparados com grande minúcia e rigor e o auxílio de três alunas, relativos à quantidade e ao número de dias de precipitação. Com o mapa geomorfológico e outros em preparação ou em projecto (entre eles outro mapa da distribuição da população em 1981, visto que se interrompeu a série dos censos decenais para se adoptar a norma internacional.

Por estranho que pareça, o mapa a 1:100.000 é ainda o que dá melhor imagem de conjunto do relevo à escala regional. Publicado de 1862 a 1920 em 37 folhas, levantado à prancheta e por nivelamento com curvas equidistantes de 25 metros, antecedeu a maior parte dos de grande escala do Sul da Europa, com excepção da Itália, há muito dotada de excelente cartografia; é um mapa antigo mas singularmente expressivo. Do mapa do Estado Maior a 1:25.000, obtido por fotografia aérea e utilizando já largamente os processos, expeditos e rigorosos, da cartografia automática, reduziu-se um expressivo 1:50.000 mas o 1:250.000, com curvas de nível equidistantes de 100 metros, é principalmente um mapa itinerário (bem informado embora nem sempre exacto), com muitas povoações e manchas de arvoredo basto; é impossível extrair dele um mapa oro-hidrográfico aproveitável. Só com base no 1:25.000, em reduções sucessivas *mas exactas* (isto é, sem excessiva simplificação e generalização) será possível chegar a um mapa que substitua o nosso. Até lá... vai servindo. Se não fosse a aquisição de Mourão como desenhador do Centro, a tempo parcial (fins de tarde) e como tarefeiro, nas horas que roubava ao descanso, talvez nos não tivéssemos abalancado a este empreendimento.

*
* *
*

Mais duas palavras sobre o colaborador mais antigo do Centro, entre pessoal científico, técnico e administrativo, que comovidamente recordo. O seu último trabalho, em que já teve outros colaboradores e ainda veio, no longo período de doença, trabalhar à sobreposse, são dois mapas das povoações de 2000 habitantes ou mais, em 1911 e 1960 (com 1940 os únicos censos que permitem realizá-los), preparados por J. Proença Ribeiro a 1:500.000 e que no próximo ano serão publicados a 1:1.000.000).

Mourão era um homem de bom convívio; ou partiu dele ou abraçou com entusiasmo a ideia de quebrar as 6 horas de trabalho por um chazinho, tomado nas águas-furtadas das nossas exíguas instalações — momentos que eu aproveitava para me informar e trocar impressões sobre o trabalho de todos e de cada um. Com o seu fino sentido de humor, conhecimento de muito do que se passava ou tramava nas altas esferas, tinha sempre algo a contar e comentar. A sua discrição era tão exemplar que, em 38 anos, a despeito do meu feitio, em novo, um tanto assomadoço, nunca houve entre nós a sombra dum aborrecimento. A certa altura, a pedido do grande arquitecto Carlos Ramos, foi admitido um desenhador de um colega morto tragicamente num desastre de pesca. Poucos dias depois, Mourão, com cara de caso, veio-me dizer que, se devia lealdade a um companheiro, mais a devia ao director do Centro. O tal intruso sugeria manobras para aumentar o número de horas... não feitas! Agradecei-lhe a lisura e o sujeito não tornou lá a pôr os pés.

Depois Mourão pertencia à geração de fundadores que, no pequeno e acanhado Centro de Estudos Geográficos, constituía como uma «família». Ele não só amou o trabalho enquanto lho permitiu longa e dolorosa doença, mas amou o Centro, onde ainda vinha, uma vez por outra, trôpego e cansado, trabalhar... mais do que podia!

Que o seu carácter e o seu convívio recordem aos novos — e por isso lá está o retrato dele na sala de desenho — que um Centro não é apenas, nem principalmente, um emprego, mas um lugar onde, desde o seu velho e decrépito director honorário, as pessoas vêm no gosto de saber que se encontram e onde todos, desde as figuras cimeiras da Ciência até ao mais humilde colaborador, têm a dignidade de homens e, como tal, merecem simpatia, respeito e gratidão.

Ao rever estas linhas para impressão recordo outro colaborador humilde, o colector Pedro Carreira de Deus, que foi, entre os empregados dos Serviços Geológicos, o que mais me acompanhou no campo. A escrever, se as forças e a vida me permitirem, «modernas ideias sobre a evolução da falha do Ponsul», descoberta por Lautensach e inteiramente levantada por Carreira e por mim (estranhamente um novel geólogo desprezou a norma corrente em Ciências Naturais e deu-lhe o nome de um pormenor — falha de Monfortinho —, quando o facto de a acompanhar, com vicissitudes várias, um importante afluente do Tejo, permite associar estreitamente as técnicas de pesquisa e de interpretação da Geologia e da Geomorfologia). E com este apano a um companheiro falecido num desastre de automóvel quando se dirigia para o campo, peço aos claros deuses da Ciência mais uns anos de vida e de robustez física e intelectual para poder levar a bom fim o meu último trabalho de Geomorfologia. *Assim seja!*

ORLANDO RIBEIRO